



*MERGE, AGREE OU MOVE: uma disputa na ilha factiva**
(*MERGE, AGREE OR MOVE: NA ARGUMENT IN THE FACTIVE ISLAND*)

Marina R.A. AUGUSTO (PG - Unicamp/Fapesp)

ABSTRACT: *DP is assumed as a derivational phase. Factive constructions show a [+definite] feature, implying the activation of Agree for the complementizer. Modern Greek exhibits. For languages in which it's a weak island, different patterns of extraction are due to the satisfaction of the feature in D via Merge or Move.*

KEYWORDS: *factive island; phases; Merge; Agree; Move.*

0 Introdução

Este artigo investiga o fenômeno da ilha factiva. Semanticamente, os predicados factivos apresentam a característica particular de introduzirem a pressuposição de que a sentença encaixada expressa uma proposição verdadeira. Sintaticamente, a ilha factiva é considerada uma ilha fraca. As restrições de ilha retratam configurações estruturais a partir das quais a extração de elementos não resulta em estruturas gramaticais, sendo subdivididas em dois grupos: as denominadas ilhas fortes e as ilhas fracas. As primeiras inviabilizam o movimento quer de argumentos quer de adjuntos; as ilhas fracas configuram ambientes sintáticos a partir dos quais a extração de argumentos se faz possível, mas não a de adjuntos.

Um dos primeiros trabalhos que mereceu grande atenção em relação à questão da factividade foi o de Kiparsky & Kiparsky (1970). Pela primeira vez, os autores relacionaram a característica semântica particular desse grupo de verbos a uma proposta de estruturação sintática específica, defendendo que os predicados factivos são seguidos de um NP – que pode ser nulo, ou preenchido com “o fato”, por exemplo, como em português.

Neste artigo, no entanto, mostraremos que a presença de um elemento lexical do tipo “o fato” impõe diferenças de possibilidade de extração para a construção factiva e essas diferenças de gramaticalidade, em última instância, baseiam-se em distinções nas histórias derivacionais que Numerações distintas – com ou sem a presença do material lexical – engendram. As análises assumem o quadro teórico do Programa Minimalista exposto em Chomsky (1998).

A próxima seção apresenta os dados pertinentes para a análise. A seção 2 discute as características particulares apresentadas pelo complementizador *pou* no Grego Moderno. A estrutura assumida para a ilha factiva é discutida na seção 3, sendo a apresentação da análise dos dados feita na seção 4. A última seção conclui o artigo.

* Agradeço a Mary Kato que apresentou o dado em (3), me dando o gatilho para desenvolver a análise aqui reportada; a Jairo Nunes, que acompanha esta pesquisa e cujos comentários sempre pertinentes a direcionam e a Mirta Groppi, pelo auxílio com os dados do espanhol.



1 Refinando os dados

Mencionamos que a presença de material lexical impõe distinções em termos da aceitabilidade da extração de elementos em construções factivas. Vejamos o quadro completo com a comparação do português, do inglês e do espanhol:

Português

- (1) O que você lamenta que a Maria tenha comprado/comprou na viagem à China?
- (2) *O que você lamenta o fato (de) que a Maria tenha comprado/comprou na viagem à China?
- (3) *O que você lamenta o fato segundo o qual a Maria comprou na viagem à China?
- (4) *Como você lamenta que o Pedro tenha consertado o carro t?

Inglês

- (5) What do you regret that Mary bought on her trip to China?
- (6) ?*What do you regret it that Mary bought on her trip to China?
- (7) * What do you regret the fact that Mary bought on her trip to China?
- (8) * How do you regret that Mary had fixed the car?

Espanhol

- (9) Qué lamentas que Mary haya comprado en su viaje a China?
- (10)*Qué lamentas el que Mary haya comprado en su viaje a China?
- (11)*Qué lamentas el hecho de que Mary haya comprado en su viaje a China?
- (12)*Cómo lamentas que Mary haya arreglado el auto?

Conforme esperado de uma ilha fraca, a impossibilidade de extração de adjuntos (4, 8 e 12) é categórica. Já a presença do elemento *o fato*, em português, *the fact*, em inglês ou *el hecho*, em espanhol (2, 3 – uma estrutura do tipo relativa – 7 e 11) impossibilita até mesmo a extração de argumentos. A presença de elemento pronominal – possível para o inglês (6) e espanhol (10) também é relevante para que a extração de argumentos não resulte em total gramaticalidade. Em termos gerais, essas línguas parecem se comportar de maneira bastante similar. Tomemos, no entanto, como contraponto, o grego moderno. Nessa língua, a ilha factiva apresenta-se como uma ilha forte, já que nem argumentos nem adjuntos são passíveis de extração:

Grego Moderno

- (13) *Pjon lipase pou sinandise o Yanis?
Quem lamenta-2.sg que encontrou-3.sg o João-nom
Quem você lamenta que o João encontrou?

É relevante, entretanto, apontar que a construção do grego moderno não apresenta nenhum elemento pronominal ou do tipo “o fato” na construção factiva. No entanto, há dois complementizadores em grego moderno – *otis* e *pou*, sendo que a presença de *oti* geralmente se dá em construções em que a extração de elementos é possível. Na construção factiva, o complementizador presente é *pou*.



2 Comp com concordância

A existência de dois complementizadores em grego moderno e a característica de um deles – *pou* – impossibilitar a extração de elementos leva-nos a hipotetizar que esse complementizador apresenta concordância. A questão de haver concordância em Comp não é tema novo na literatura gerativa. Rizzi (1990), por exemplo, explorou essa possibilidade, afirmando que:

“Such abstract relations play a crucial role in syntactic theory, have visible syntactic effects, and may or may not have a (more or less rich) morphological manifestation”(Rizzi 1990:52)

Em relação ao grego moderno especificamente, Roussou (1994) assume que o *pou* é um núcleo [+ *definite*], o que também assumiremos aqui.

3 A ilha factiva

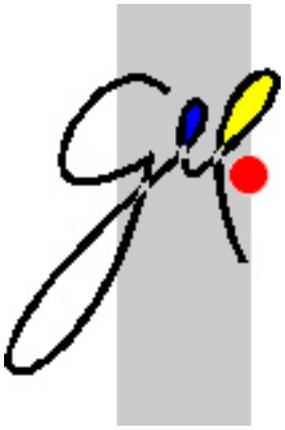
Fará também parte de nossa análise assumir que a ilha factiva se caracteriza por apresentar uma estrutura sintática particular em que o verbo factivo é seguido de um DP (Varlokosta, 1994). Salienta-se, entretanto, que, nessa construção, o D também apresenta um traço do tipo [+ definido] (cf. análises anteriores como Melvold 1991 e Roussou 1994), imposição vinda do verbo factivo, uma vez que há pressuposição disparada por esses predicados. Aquilo que é pressuposto, é conhecido – ou seja – é definido. Vejamos que a estrutura abaixo não é lícita:

(14) * O que você lamenta um fato que a Maria comprou na viagem à China?

4 A análise – DP como fase

Passemos, então, à implementação da análise em que se passa a contrastar a possibilidade de extração de argumentos em algumas línguas (português, inglês e espanhol), sem a presença de material lexical interveniente e sua impossibilidade quando da presença desse material e, por outro lado, a impossibilidade total de extração em grego moderno.

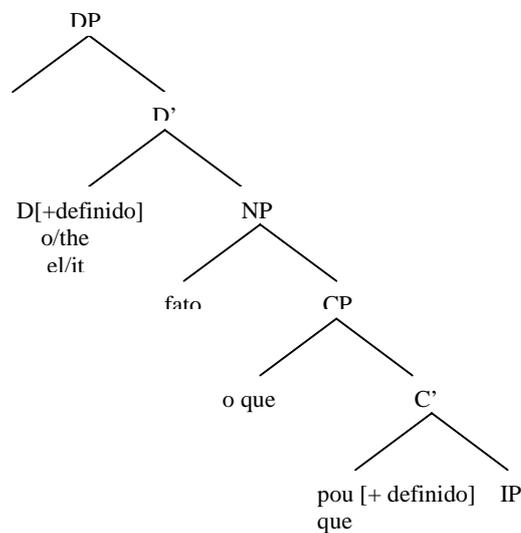
Conforme mencionado, assume-se Chomsky (1998). Nessa proposta, a noção de fases é incorporada. Constituem fases objetos sintáticos do tipo CP ou vP derivados a partir de um sub-arranjo de uma dada Numeração. Uma derivação cíclica opera via movimento por EPP. Um traço EPP - que pode ser atribuído ao núcleo de uma fase – permite o movimento de um sintagma para o Spec desse núcleo, permitindo assim seu movimento subsequente dado PIC:



Phase Impenetrability Condition

In phase α with head H, the domain of H is not accessible to operations outside α , but only H and its edge (its Specs)

No que diz respeito à derivação de uma construção de ilha factiva em que se tem como elemento-QU o objeto da sentença encaixada, dado o EPP, esse elemento-QU acabará por ocupar o Spec,CP da encaixada. A próxima categoria será o DP. Vou assumir que o DP também constitui uma fase, logo PIC deve ser obedecido no que concerne à extração de elementos. Estamos no seguinte ponto:



Quando se chega ao DP, há um traço [+ definido] em D. A partir daqui, as derivações se distinguem. Se o sub-arranjo tem um artigo – *o/the*, de *o fato*, *the fact* – ou um pronomes – *el/it* – esses elementos checam o traço [+ definido], apagando-o. Se não houver elementos desse tipo, o traço [+ definido] procura um elemento para que haja a checagem. Duas posições estão acessíveis: o núcleo e o especificador de CP – que é uma fase, logo apenas elementos na margem do núcleo e o próprio núcleo são visíveis, de acordo com PIC.

Se o núcleo é do tipo *pou*, que busca concordância, ou seja, que apresenta o traço [+ definido], isto possibilita um *Match* entre *pou* e D, via *Agree* e o apagamento do traço [+ definido]. Se não há o traço [+ definido] no complementizador, como acontece com o português, inglês e espanhol, o elemento-QU, que é também um elemento do tipo [+ definido] está acessível para checar esse traço, porque ainda está visível para a computação, devido ao seu traço QU. Há assim movimento do elemento-QU para o Spec,DP. Aqui faz-se a distinção entre argumentos e adjuntos – ou a antiga distinção elementos referenciais versus não-referenciais. Os adjuntos não se habilitarão



a essa checagem, permanecendo no Spec,CP. Considerando-se que DP é uma fase, só haverá possibilidade do elemento-QU chegar ao CP da matriz se esse movimento intermediário ocorrer¹.

O grego moderno apresentará para a ilha factiva características de ilha forte justamente pela possibilidade de dois elementos poderem checar o traço [+ definido] do DP. Se é o *pou* que faz essa checagem, via *Agree*, o elemento-QU fica preso na fase do CP e não chegará ao Spec,CP da matriz. Se, por outro lado, é o elemento-QU que se move para Spec,DP², fazendo a checagem do traço [+ definido], como acontece no português, inglês e espanhol, o complementizador *pou* ficará com o traço [+ definido] sem ser checado e em LF, a derivação fracassa, ou seja, o complementizador *pou* precisa ter seu traço [+ definido] checado, a operação de concordância é necessária.

No caso das línguas portuguesa, inglesa e espanhola, a distinção entre (im)possibilidade de extração com e sem material lexical em D se assenta na diferente história derivacional que um sub-arranjo com ou sem artigos e/ou pronomes lexicais engendra. Na presença desses elementos, seu *Merge* promoverá a satisfação imediata do traço [+ definido] em D. Sua ausência, por outro lado, levará à busca de um elemento para que haja a checagem, permitindo a subida do elemento-QU para a efetivação da checagem via Spec-núcleo, o que permitirá, somente assim, sua posterior checagem do traço QU em Spec,CP da matriz³.

Esse é o quadro, portanto, traçado que mostra a disputa entre as operações: *Merge*, *Agree* e *Move*, conforme o título desse artigo sugere.

5 Conclusão

A análise para a ilha factiva aqui sugerida assumiu que essa construção apresenta um DP com um traço [+ definido], constituindo-se essa categoria como uma fase. Isso permitiu traçar, por um lado, uma distinção entre a derivação de sentenças em que essa construção se comporta como uma ilha fraca – em línguas como o português, o inglês e o espanhol – e o grego moderno, em que nenhum tipo de extração se faz possível, assumindo-se a atuação de *Agree*, que opera sobre o *pou* – um complementizador que apresenta a característica de ser definido – apresenta concordância. Por outro lado, a (im)possibilidade de extração nas línguas em que a ilha

¹ Estou assumindo, portanto, que o DP não pode ter um traço do tipo EPP atribuído, como escape para elementos internos à fase, diferentemente, portanto, de CP ou vP.

² Estou assumindo que tanto o elemento em Spec,CP, quando o núcleo C, estão equidistantes do *probe* D.

³ A análise deve ainda dar conta de uma questão importante. Na ausência de um elemento lexical do tipo D, a estrutura com DP atribuída à ilha factiva faz pressupor que haja, na Numeração, uma categoria vazia do tipo *pro*. A matriz fonológica parece ser a única distinção entre *pro* e os outros pronomes lexicais. Por que, então, *pro* não checaria o traço [+ definido], ou se o faz porque não impediria que houvesse mais de uma checagem? Chomsky 99 começa a admitir que “... modifies slightly the standard assumption that phonological features do not enter into narrow syntactic derivations. They do not do so individually, but their absence or presence makes a difference...” (p. 19). A discussão, no entanto, se insere dentro de possibilidades bem restritas e não parece poder ser estendido para o caso em discussão. A questão demanda investigação mais detalhada.



factiva se comporta como uma ilha fraca assentou-se na diferença que a presença de elementos nominais como *o fato* implicam para a história derivacional de cada sentença. A possibilidade de satisfação imediata do traço [+ definido] em D, via *Merge* desses elementos, esvazia a possibilidade da atuação de *Move*, resultando em que o elemento QU fique preso na fase anterior do CP.

Assumiu-se como quadro teórico direcionador da análise sugerida Chomsky 98. Acredita-se que a proposta apresentada em Chomsky 99 pode implicar algumas adequações. Assim, a partir dessa proposta, pretende-se reavaliar a análise para a ilha factiva, implementando-a em termos de traços-*phi*, o que parece bastante desejável.

RESUMO: Propõe-se DP como fase e assume-se para a ilha factiva um traço [+definido] em D. Explica-se, assim, o comportamento de ilha forte no grego moderno pela presença de um complementizador, sobre o qual atua *Agree*. Como ilha fraca, diferenças de extração dependem da satisfação do traço via *Merge* ou *Move*.

PALAVRAS-CHAVE: ilha factiva; fase derivacional; *Merge*; *Agree*; *Move*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHOMSKY, N. Derivation by phase. Ms, 1999.
- _____. Minimalist Inquiries: the framework. *MIT Working Papers in Linguistics* 15, Cambridge: MIT Press, 1998.
- KIPARSKY, P. & C. Kiparsky. Fact, em M. Bierwisch & K. Heidolph (eds.), *Progress in Linguistics*, Mouton, The Hague, 1970.
- MELVOLD, J. Factivity and Definiteness. *MIT Working Papers in Linguistics* 5, Cambridge: MIT Press, 1991.
- RIZZI, L. *Relativized Minimality*, Cambridge: MIT Press, 1990.
- ROUSSOU, A. The syntax of complementizers. Tese de Doutorado, University College London, 1994.
- VARLOKOSTA, S. Factive Complements in Modern Greek. *University of Maryland Working Papers in Linguistics* 2, 1994.